

CAPÍTULO 08

DOI: <https://doi.org/10.58871/conbrasca.v4.08>

O ESTIGMA DO HIV/AIDS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

THE STIGMA OF HIV/AIDS IN CHILDREN AND ADOLESCENTS: AN INTEGRATIVE REVIEW

MARIA EDUARDA WANDERLEY DE BARROS SILVA

Graduanda de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

CLÁUDIO GUERRA DE LIMA

Graduando de Medicina pela Universidade Tiradentes

NAZARENO ELI GURGEL ARRUDA

Técnico de Enfermagem, Especialização em Saúde Pública pela FAVENI

MARAYSA LÚCIA DE CARVALHO NERINO FEITOSA

Fisioterapeuta - HUAB – EBSEH

ANA CAROLINA GOMES TRIGUEIRO BARROS

Médica / Pediatra / Neonatologista - EBSEH

JOSÉ MARCELO DE AZEVEDO BESERRA

Enfermeiro/ Mestrando em Saúde Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

JEAN SCHEIEVANY DA SILVA ALVES

Enfermeiro Residente em Saúde da Criança- Hospital Dom Malan

LETÍCIA LUANA CLAUDINO DA SILVA

Pós-graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RENATA ANTONIA AGUIAR RIBEIRO

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário de João Pessoa

MARIA LETÍCIA CARDOSO DA SILVA BARBOSA

Enfermeira pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG

RESUMO

Objetivo: identificar o estigma do HIV/Aids em crianças e adolescentes. **Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Foi possível assim estruturar a seguinte pergunta norteadora: “Qual estigma social do HIV/AIDS em crianças e adolescentes no cenário brasileiro?” Foi feito um levantamento através da biblioteca eletrônica sendo a Biblioteca

Virtual em Saúde (BVS), sendo selecionada as seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE). Após a aplicação dos critérios de elegibilidade foram utilizados 9 artigos selecionados ao total.

Resultados e Discussão: Após a avaliação dos estudos encontrados foram elencados os principais resultados para elaboração da pesquisa de revisão integrativa. Portanto, nota-se que o estigma associado ao HIV é considerado uma preocupação de saúde pública global. Os profissionais de saúde e os decisores políticos continuam a lutar para compreender e implementar estratégias para diminuir o estigma relacionado com o HIV na sociedade, em contextos específicos e nas intersecções de opressões adicionais. No entanto, a opressão e resistência podem auxiliar a inspirar ações para reduzir o estigma relacionado com o HIV.

Considerações Finais: Logo, o presente estudo buscou enfatizar o estigma ainda muito fortemente presente na sociedade com as crianças, adolescentes e jovens e os desafios apresentados nessa população frente ao estigma e diagnóstico ainda na infância, contudo, o estudo apresenta algumas estratégias para fortalecer o combate ao estigma e a adesão da terapêutica.

Palavras-chave: HIV; Criança; Estigma social.

ABSTRACT

Objective: to identify the stigma of HIV/AIDS in children and adolescents. **Methodology:** this is an integrative review of the literature. It was possible to structure the following guiding question: “What is the social stigma of HIV/AIDS in children and adolescents in the Brazilian scenario?” A survey was carried out through the electronic library, the Virtual Health Library (VHL), and the following databases were selected: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Nursing Database (BDENF) and Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). After applying the eligibility criteria, a total of 9 selected articles were used. **Results and Discussion:** After evaluating the studies found, the main results were listed for preparing the integrative review research. Among all approaches, it was seen that the stigma associated with HIV is considered a global public health concern. Health professionals and policymakers continue to struggle to understand and implement strategies to reduce HIV-related stigma in society, in specific contexts, and at the intersections of additional oppressions. However, oppression and resistance can help inspire action to reduce HIV-related stigma. **Final Considerations:** Therefore, the present study sought to emphasize the stigma still very strongly present in society with children, adolescents and young people and the challenges presented in this population in the face of stigma and diagnosis in childhood, however, the study presents some strategies to strengthen the combating stigma and adherence to therapy.

Keywords: HIV; Child; Social stigma.

1 INTRODUÇÃO

A infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) se caracteriza por um lentivírus que causa a síndrome da imunodeficiência adquirida sendo a causa da deterioração de forma rápida do sistema imunológico afetando principalmente os linfócitos, células dendríticas e macrófagos. Ela pode ser transmitida através do sêmen, leite materno, lubrificação

vaginal e sangue estando presente na forma de partículas livres e como células imunitárias infectadas (Neto *et al.*, 2021).

As manifestações clínicas da infecção pelo HIV apresentam sinais e sintomas tendo diversas fases que dependem individualmente de cada resposta imunológica e da intensidade de replicação viral. Geralmente, se te, um quadro agudo de infecção nas primeiras semanas, seguido de uma fase assintomática podendo durar anos antes mesmo de surgir a Aids. A infecção pelo HIV ocorre em três fases sendo a fase aguda, latência clínica e Aids. Seu diagnóstico adequado deve ser realizado através de dois testes com metodologias diferentes, quando a primeira testagem dar negativa a pessoa é considerada como não infectada e não se tem a necessidade de testes adicionais e o teste rápido que é disponível no SUS e possui janela imunológica de 30 dias (Brasil, 2018).

O tratamento deve ser realizado com a utilização de antirretroviral com intuito de diminuir a morbidade e mortalidade a fim de prevenir a transmissão do HIV para outros indivíduos. A adesão ao tratamento é essencial para que se tenha sucesso sendo discutido desde a primeira consulta com o profissional de saúde. Dessa forma, quando aborda-se esse assunto com crianças e adolescentes infectados pelo HIV é preciso criar um vínculo e uma relação acolhimento de forma humanizada realizando um anamnese de forma cuidadosa detectando situações de risco, imunizações, doenças crônicas e antecedentes de IST (Neto *et al.*, 2021).

A população de crianças e adolescentes apresenta uma tendência crescente prevalente de soro positividade ao HIV, sendo um dos grupos mais precocemente afetado devido a via sexual direta. Contudo, os adultos jovens são a faixa etária de mais alta prevalência devido a possibilidade de a infecção ter acontecido na fase da adolescência indicando assim a prioridade dessa população devido a precocidade das medidas de atenção e alerta inferindo na evolução da infecção e patologia. Os estudos apontam que quanto mais adolescentes e jovens vivenciam a sua sexualidade com mais liberdade, mais novos casos de infecção sexualmente transmissíveis são registrados em todo o mundo, o que está ligado a fatores ambientais e sociais como os baixo níveis de escolaridade e as dificuldades de acesso aos cuidados de saúde (Martins *et al.*, 2020).

Por ser uma doença a repleta de construções sociais baseados em conceitos discriminatórios e estigmatizantes, conviver com o vírus traz sofrimento. O paciente oculta ou limita a divulgação do diagnóstico a um pequeno número de pessoas, geralmente seus cuidadores ou familiares. Atitudes questionadoras, rebeldia, negação da doença, desinformação, baixa autoestima, diminuição da perspectiva de vida e medo do preconceito também contribuem para o fracasso do tratamento, a deterioração do quadro do hospedeiro e o desenvolvimento do vírus resistentes (Mburu *et al.*, 2014). Com isso, o objetivo principal do

estudo é identifica o estigma do HIV/Aids em crianças e adolescentes.

2 METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que possui como intuito gerar síntese de como os resultados foram adquiridos nas pesquisas sobre uma determinada temática, de forma ordenada para que sejam adquiridas várias informações permitindo que os estudos experimentais e não experimentais para que assim se tenha a compreensão completa de um fenômeno estudado (Andrade *et al.*, 2017).

Para a criação de uma revisão da literatura, são determinadas seis fases: criação de um tema e questão norteadora; adoção de critérios de inclusão e exclusão; coleta e atribuição de estudos para serem analisados; síntese dos achados e conclusões com base nos resultados encontrados (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Foi possível assim estruturar a seguinte pergunta norteadora: “Qual estigma social do HIV/AIDS em crianças e adolescentes no cenário brasileiro?” Foi feito um levantamento através da biblioteca eletrônica sendo a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo selecionada as seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE).

Com isso, foram utilizados os descritores consultados nos Descritores em Ciência e Saúde (DeCS), no mês de novembro de 2023, sendo: “Criança”, “HIV” e “Estigma social”, utilizando o operador booleando *AND* entre os descritores quando combinados. Receberam um quantitativo sendo: MEDLINE (366), BDENF (8) e LILACS (19).

Os critérios de inclusão utilizados foram: I) está entre o período de 2018 a 2023; II) está entre os idiomas português, inglês e espanhol e III) responder a questão norteadora da pesquisa. Como critério de exclusão foram excluídos aqueles que não estavam disponíveis para leitura, duplicados, incompletos e que não tivessem relação com a temática central escolhida. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade foram utilizados 9 artigos selecionados ao total, pois, os mesmos abordam de forma satisfatória o estigma social do HIV/AIDS em crianças e adolescentes no cenário brasileiro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a avaliação dos estudos encontrados foram elencados os principais resultados para elaboração da pesquisa de revisão integrativa. Dentre toda abordagem, foi visto que o estigma associado ao HIV é considerado uma preocupação de saúde pública global. Os profissionais de saúde e os decisores políticos continuam a lutar para compreender e implementar estratégias para diminuir o estigma relacionado com o HIV na sociedade, em contextos específicos e nas intersecções de opressões adicionais. No entanto, a opressão e resistência podem auxiliar a inspirar ações para reduzir o estigma relacionado com o HIV (Restall *et al.*, 2023).

Entretanto, pensando na perspectiva que existe um forte estigma ainda na sociedade, as pessoas que convivem com o HIV, devido às suas vivências, podem apresentar algumas soluções estratégicas para reduzir os danos desse “vírus” do estigma e preconceito. Com isso, conta-se como cuidar de si mesmo, cuidar de crianças e animais de estimação, reconstituir redes de apoio social e resistir e romper o estigma. Os participantes fizeram recomendações importantes para mudanças no sistema e nas políticas, desse modo, se faz de extrema importância, ouvir e escutar o lugar de voz dessas pessoas, para que assim sejam expressas todas facilidades, a fim de construir novos caminhos para esse enfrentamento (Restall *et al.*, 2023). Entretanto, estudando o grupo de crianças, adolescentes e jovens portadores de HIV, o cenário parece ser ainda mais delicado.

Já na pesquisa realizada por Kip *et al.* (2022) nota-se que o estigma está relacionado a Terapia Antiretroviral (TARV) e ao sofrimento psicológico; abuso físico e emocional/verbal; baixo apoio social, isolamento e sentimento de rejeição; e comportamentos de risco para a saúde, como ocultação de medicamentos e não adesão à TARV, foi relatado que as ações discriminatórias se iniciam-se na forma de fornecimento de utensílios separados para as refeições e maus-tratos na escola (Kip *et al.*, 2022; Pérez *et al.*, 2021).

Desse modo, pode-se observar que a população infantil e adolescente necessita de intervenções personalizadas que visem os desafios específicos da sua idade (Robinson *et al.*, 2023). No entanto, o estigma é muito forte, pois, uma pesquisa realizada com os cuidadores de adolescentes maiores de 14 anos de idade, mostrou que grande parte das preocupações destes é em relação a vida sexual de seus filhos, em relação ao HIV e seu estigma enraizado. Os resultados sugerem que os cuidadores, tal como outros pais de jovens com desenvolvimento típico, podem precisar de apoio para abordar o assunto da sexualidade (Justo; Justras, 2023; Cruz; Darmont; Monteiro, 2021).

De tal modo, precisa-se não apenas atender as pessoas com HIV/AIDS, mas, também trabalhar a educação em saúde na população. Na perspectiva, de estratégias para auxiliar essa população, estudos trazem que dar nome ao HIV quando a população infantil e adolescente,

capacita as crianças e os jovens a aderirem à sua medicação, a tomarem decisões informadas e a partilharem o seu próprio diagnóstico de forma adequada, para isso os profissionais de saúde, precisam desempenhar um forte papel em relação a educação em saúde com cuidadores (Warburton *et al.*, 2022). As medidas colaborativas utilizadas para a construção de novas relações apoiarão a autonomia, diminuirão o estigma e facilitarão a confiança (Barr *et al.*, 2022).

Entretanto, as barreiras do viver produzidas pelo estigma, discutindo em que medida a cronicidade pode acentuar a precariedade que constitui os humanos, que para muitos, em virtude de sua localização social, pode significar maior precarização e vulnerabilidade, tendo em vista que, quando se é criança, adolescente e jovem, essa precarização pode levar a uma dificuldade na circulação dos afetos e nas trocas cotidianas fundamentais dentro dos grupos (Cunha, Maciel, Moreira, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o presente estudo buscou enfatizar o estigma ainda fortemente presente na sociedade com as crianças, adolescentes e jovens e os desafios apresentados nessa população frente ao estigma e diagnóstico ainda na infância. Contudo, o estudo apresenta algumas estratégias para fortalecer o combate ao estigma e a adesão da terapêutica, com elas se apresentam preparar desde a infância para o diagnóstico, no intuito de melhorar a adesão ao tratamento, considerando que a pessoa como protagonista do seu cuidado, apoiar psicologicamente e multiprofissionalmente esse público, para que maiores problemas não aconteçam no futuro, bem como também utilizar a educação em saúde para esses cuidadores e responsáveis, para utilizar melhores caminhos de enfrentamento do estigma. O estudo também evidenciou limitações em relação a estudos mais atuais sobre essa temática, considerado que é um problema de saúde pública, mas, ainda é abordado de forma insuficiente para suprir as barreiras do estigma e preconceito.

REFERÊNCIA

Anais do II Congresso de Iniciação Científica da UFPE. Recife: UFPE, 1996. p. 21-24.

BARR, E.A. *et al.* Transição dos cuidados de HIV pediátricos e adolescentes para os cuidados de HIV em adultos e a relação paciente-profissional: uma metassíntese qualitativa. **Jornal da Associação de Enfermeiros no Cuidado da AIDS.** v. 33, n. 2, p. 132-154, 2022.

CRUZ, M.L.S; DARMONT, M.Q.R; MONTEIRO, S.S. Estigma relacionado ao HIV entre jovens em transição para a clínica de adultos num hospital público no Rio de Janeiro, Brasil. **Ciênc. Saúde Colet.** V. 26, n. 7, 2021.

CUNHA, C.C; MACIEL, M.A; MOREIRA, M. C.N. Um ensaio sobre a cronicidade do viver com HIV/Aids na infância, adolescência e juventude. **Saúde debate**. 2022.

DWEIK, R.; STOLLER, J. K. Doenças pulmonares obstrutivas: DPOC, asma e doenças educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4, 1996, Recife.

FISCHER, G. A. Drug resistance in clinical oncology and hematology introductory. **Hematol. Onco Clin North Am.** V. 9, n. 2, p. 11-12, 1995.

JUSTO, CD; JUSTRAS A. “Tenho esperança, mas estou preocupado”: Perspectivas sobre a criação de filhos de adolescentes e jovens adultos que vivem com HIV adquirido no período perinatal. **Famílias, Sistemas e Saúde**. V. 40, n. 2, p. 232–238, 2022.

KIP, E.C. *et al.* Stigma and mental health challenges among adolescents living with HIV in selected adolescent-specific antiretroviral therapy clinics in Zomba District, Malawi. **BMC Pediatr**. V. 22, n. 253, 2022.

KISNER, C.; COLBY, L. A. **Exercícios terapêuticos: fundamentos e técnicas**. São Paulo: Manole, 1998. 746 p.

MARTINS, T. C. *et al.* Perfil epidemiológico da AIDS em crianças e adolescentes da região Nordeste no período de 1985 a 2016. **Brazilian Journal of Health Review**. V. 3, n. 5, p. 15569-15582, 2020.

MBURU, G. *et al.* Responding to adolescents living with HIV in Zambia: A social-ecological approach. **Children and youth services review**. V. 45, p. 9-17, 2014.

Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais. Manual técnico para o diagnóstico da infecção pelo HIV. Brasília, 2018.

NETO, L. F. S. P. *et al.* Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo HIV em adolescentes e adultos. **Epidemiol. Serv. Saúde**. V. 30, n. 1, 2021.

Oncol. clin. North Am., v. 9, n. 2, p. 11-14, 1995.

PÉREZ, A. *et al.* Estigma relacionado ao HIV e ajustamento psicológico entre jovens infectados pelo HIV no período perinatal na Cidade do Cabo, África do Sul. **AIDS e Comportamento**. v. 26, p. 434–442, 2021.

SCANLAN, C. L.; WILKINS, R. L.; STOLLER, J. K. Fundamentos da terapia respiratória de Egan. Monografia. 7. ed., p. 1282, 2000.

RESTALL, G. *et al.* Resisting and disrupting HIV-related stigma: a photovoice study. **BMC Public Health**. V. 23, p. 20-62, 2023.

ROBINSON, A. *et al.* Examining the Relationship Between HIV-Related Stigma and the Health and Wellbeing of Children and Adolescents Living with HIV: A Systematic Review. Logo of springeropen. **AIDS Behav**. V. 27, n. 9, p. 3133–3149, 2023.

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na **terapia respiratória de Egan**. 2001. p. 457-478.

WARBURTON, K. *et al.* Talking to children about their HIV diagnosis: a discussion rooted in different global perspectives. **British Journal of Nursing**. V. 31, n. 1, 2022.